



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA  
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS  
INTERDISCIPLINARES**

**IDENTIDADE DE ALUNAS QUILOMBOLAS DE UMA ESCOLA ESTADUAL  
DO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE - PARAÍBA**

Maria do Socorro Paiva Silva Lins

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Vagda Rocha

Guarabira – PB

2014

**MARIA DO SOCORRO PAIVA SILVA LINS**

**IDENTIDADE DE ALUNAS QUILOMBOLAS DE UMA ESCOLA ESTADUAL  
DO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE - PARAÍBA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Vagda Rocha

Guarabira – Paraíba

Junho de 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L759i Lins, Maria do Socorro Paiva Silva  
Identidade de alunas quilombolas de uma Escola Estadual do  
Município de Alagoa Grande [manuscrito] : / Maria do Socorro  
Paiva Silva Lins. - 2013.

42 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:  
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual  
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à  
Distância, 2013.

"Orientação: Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha,  
Departamento de Educação".

1. Relações raciais. 2. Identidade Cultural. 3. Quilombolas.  
I. Título.

21. ed. CDD 305.8

MARIA DO SOCORRO PAIVA SILVA LINS

**IDENTIDADE DE ALUNAS QUILOMBOLAS DE UMA ESCOLA ESTADUAL  
DO MUNICIPIO DE ALAGOA GRANDE - PARAÍBA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 19/07/2014

Banca Examinadora



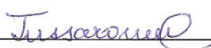
Prof.ª Dra. Vagda Rocha/UEPB

Orientadora



Prof.ª Dr.ª Francisca Pereira Salvino/UEPB

Examinadora



Jussara Natália Moreira Bélens/UEPB

Examinadora

Guarabira

2014

## **AGRADECIMENTOS**

"A cada vitória o reconhecimento devido ao meu Deus, pois só Ele é digno de toda honra, glória e louvor".

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pelo seu amor infinito. Sem Ele nada sou. Mesmo sem merecer, Deus tem me presenteado todos os dias, esta especialização foi um presente incrível!

As minhas pérolas: Ruceline, Rilávia e Orlando Júnior que estão sempre me apoiando nos momentos que mais preciso, especialmente a minha filha Ruceline pela dedicação e preocupação em ajudar-me a realizar este trabalho da melhor maneira possível.

A esta Universidade, seu corpo docente e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

A minha orientadora Vagda Rocha pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Minha terna gratidão a meu esposo (Orlando), meus genros (Rodrigo e Sobrinho Junior), minha nora (Cybele) e meus netinhos (Lara Sophia, Marcos Davi e Heitor) pelos momentos de descontração e a todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente para que este sonho pudesse ser concretizado.

## EPÍGRAFE

*“Cada um dos nossos pensamentos não é mais do que um instante de nossa vida. De que serviria a vida se não fosse para corrigir os erros, vencer nossos preconceitos e, a cada dia, alargar nosso coração e nossos pensamentos? Nós utilizamos cada dia para alcançar um pouco mais de verdade...”*

*Ronktin Rolland. Jean Christophe*

## RESUMO

Este trabalho aborda as relações raciais no ambiente escolar e tem como objetivo analisar a percepção e a autoestima que dez alunas quilombolas de uma escola estadual localizada no município de Alagoa Grande – Paraíba têm de si próprias no ambiente de ensino aprendizagem, bem como refletir se a referida escola contribui ou não para a reprodução do preconceito e da discriminação. A pesquisa ocorreu no período de agosto de 2013 a março de 2014. A metodologia utilizada foi a observação direta e aplicação de questionário estruturado com questões objetivas e discursivas. Os resultados mostraram que todas as alunas foram unânimes em afirmar que são negras, deixando claro a condição de aceitação e pertencimento da sua condição racial. A grande maioria declarou ter sofrido algum tipo de exclusão na escola e por isso se sentem diferente dos demais colegas, assumindo com isso uma atitude de inferioridade no ambiente escolar. Essa discriminação parte tanto dos colegas quanto de professores. Das dez alunas investigada, nove consideraram o relacionamento com os colegas regular e cinco delas consideraram os professores racistas. Mediante os resultados foi possível concluir que, no espaço escolar em questão, ainda existe discriminação racial o que pode comprometer a construção da identidade negra, a autoestima e o processo de ensino – aprendizagem das alunas. Com isso faz-se necessário que o ambiente escolar trabalhe o preconceito através de práticas pedagógicas mais comprometidas com a pluralidade de culturas existentes, permitindo assim a formação de cidadãos capazes de respeitar as diferenças e valorizar o multiculturalismo.

**Palavras-chave:** relações raciais, identidade, escola, quilombolas.

## **ABSTRACT**

This research deals with race relations in the school environment and aims to analyze the perception and self-esteem of ten maroon's students at State Normal School Trigueiro Osvaldo de Mello have of themselves in the teaching learning environment and to reflect whether that helps or not school for reproduction of prejudice and discrimination . The study was conducted between August 2013 and March 2014. Methodology used was direct observation and questionnaire with structured and open-ended questions. The results showed that all the students were unanimous in stating that they are black , making it clear the condition of acceptance and belonging to their racial status. The vast majority reported having had some type of exclusion from school and feel so different from other colleagues, taking with it an attitude of inferiority in the school environment. This discrimination of both colleagues and teachers. Of the ten students investigated nine considered the relationship with regular colleagues and five of them considered racist teachers. From the results it was concluded that, within the school in question, there is still racial discrimination which can compromise the construction of black identity, self-esteem and teaching - learning process of the students. Thus it is necessary that the school environment to work prejudice through more committed pedagogical practices with the plurality of cultures, thus allowing the formation of citizens able to respect differences and appreciate multiculturalism.

**Keywords:** race relations, identity, school, maroons.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. REPENSANDO OS TERMOS: IDENTIDADE E PRECONCEITO.....	13
1.1. CONSTRUINDO O CONCEITO DE IDENTIDADE.....	13
1.2. A IDENTIDADE ÉTNICA: PRECONCEITO E DESIGUALDADE.....	17
1.3. A ESCOLA COMO LOCAL DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA IDENTIDADE.....	20
1.3.1. REFLEXÕES SOBRE O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA.....	20
1.3.2. A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	22
2. PERCURSO METODOLÓGICO.....	25
3. O TRATO COM A DIFERENÇA NA ESCOLA.....	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
APÊNDICE A	

## INTRODUÇÃO

Numa sociedade marcada historicamente pela submissão, exclusão e mais recentemente, pela inserção de forma rebaixada dos afrodescendentes, é imprescindível que a escola e os educadores assumam uma postura de mudança e não de permanência da estrutura excludente, fortemente influenciada pela cultura europeia em detrimento das demais que aqui se conglomeraram e se inter-relacionaram.

Num mundo de grandes desigualdades, nem sempre é fácil lidar com a diferença. Ela está em toda parte. Por vezes, é mais simples percebê-la quando a questão envolve apenas dois times de futebol, duas religiões, dois partidos políticos, duas formas de agir.

As relações sociais desiguais foram constituídas ao longo da história da sociedade brasileira e a população negra sempre ocupou lugares vulneráveis no âmbito social, político, econômico e cultural. Problemas como preconceito, racismo e injustiças sociais em relação aos negros em nosso país vêm de longa data. A História oficial relegou aos negros um papel secundário, dificultando o caminho em direção à sua inclusão social e criando um estado de desigualdade difícil de ser alterado. Difícil, mas não impossível. A identidade étnica de um grupo é a base para a sua forma de organização, de sua relação com os demais grupos e de sua ação política. A maneira pela qual os grupos sociais definem a própria identidade é resultado de uma confluência de fatores, escolhidos por eles mesmos.

Ao tratarmos da construção da identidade negra nos remetemos à sua condição no espaço escolar, que diariamente enfrenta situações conflituosas que ferem e constroem a sua imagem. De modo geral, os negros sempre foram vistos como inferiores e, em consequência disto, foi permitido o atraso para que os mesmos conquistassem os direitos enquanto cidadãos e até mesmo como pessoas.

Numa sociedade culturalmente plural tornar-se-ia primordial conhecer a formação identitária dos sujeitos de modo a fortalecê-la e ainda, reconhecer e respeitar cada uma e todas elas. “A cultura consiste em recriar e não em

repetir” e os homens e as mulheres podem fazê-lo porque possuem uma consciência capaz de captar o mundo e de transformá-lo (FREIRE, 2005).

Neste estudo, tecemos considerações a respeito da constituição identitária de jovens alunas do ensino médio de uma escola estadual localizada no município de Alagoa Grande, Paraíba, moradoras de uma comunidade remanescente de quilombo e a contribuição da instituição escolar para a construção de tais identidades. Entendemos que as identidades são forjadas, construídas ou negadas no interior de diversos tempos e espaços e sempre em oposição a outras identidades, num jogo relacional de reconhecimento ou não das alteridades.

Por se tratar de uma temática que envolve a compreensão da constituição identitária de jovens alunas quilombolas, cremos ser mais que relevante refletir brevemente sobre a problemática que envolve o conceito de identidade tendo em vista que o espaço escolar é um local propício para o encontro das diferenças e da negação ou afirmação de construções de sentidos de pertencimentos identitários. Por que é difícil para o (a) negro (a) construir sua identidade? Qual o papel da escola na construção da identidade negra? A escola tem problematizado as questões do racismo e discriminação?

Nesse estudo, a identidade negra é tratada num contexto sociocultural privilegiando as dimensões pessoal e social dos sujeitos. A dimensão pessoal coabita a dimensão social, pois parte-se do princípio de que todo ser, além de fazer parte de um grupo social, convive com vários outros, dessa forma constrói sua identidade através dos vários grupos com os quais convive ou faz parte, como a família, os amigos, a escola, desempenhando papéis diversificados. Nesse intercâmbio relacional, esse sujeito toma consciência de sua unicidade.

A motivação para essa pesquisa surgiu a partir de observações, da nossa inquietação e curiosidade pela temática étnica com relação ao comportamento de isolamento que é mantido por alunas quilombolas na sala de aula e em outros ambientes do campo da pesquisa. Esse estranhamento impulsionou a pesquisa cuja problemática é refletir sobre questões referentes à construção de identidades negras/quilombolas na comunidade da escola.

O interesse em refletir acerca desse comportamento possibilita uma reflexão mais ampla sobre o exercício de cidadania, permitindo a interação de todos os envolvidos no contexto escolar para a desconstrução do racismo, preconceito e discriminação. Acreditamos que analisar o racismo no cotidiano, a exemplo do cotidiano da sala de aula, ajuda-nos a questionar visões politicamente confortáveis segundo as quais o racismo está contido na periferia ou nas margens das relações sociais. Estudar o racismo cotidiano ajuda-nos a compreender de que forma surgem as desigualdades sociais ou, no dizer de Araújo (2007, p.84), “quando se privilegiam as perspectivas daqueles que sofrem o racismo, este surge como uma experiência cotidiana que influencia a percepção de si e dos outros, e, significativamente, as oportunidades de sucesso”. Assim sendo, a educação escolar deve ajudar professores e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-la para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são com suas características próprias e individuais; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania.

Para este estudo, dentre tantos conceitos que devem ser revistos, devido à sua necessidade de explanação, destacam-se como referenciais o preconceito e a identidade, conceitos estes, que vêm sendo exaustivamente debatidos através de abordagens diversas e divergentes, nas ciências humanas e sociais, sobretudo devido, principalmente, às reivindicações dos grupos conhecidos como minorias, a exemplo de homossexuais, lésbicas, negros, índios, mulheres, entre outros segmentos da população e do movimento social organizado. As reivindicações tornam a discussão em torno desses temas um campo fértil e de fácil proliferação para a formulação de análises e reflexões que, embora discordantes entre si, muito têm contribuído para o aprofundamento dessas questões.

O conceito de identidade, uma das ferramentas teóricas principais deste trabalho, tem sido recentemente utilizado em muitas pesquisas, sobre vários aspectos. Valemo-nos de alguns autores envolvidos com esta questão (Hall, 1997; 1998; 2003; 2005; 2006; Gomes, 1999; 2003; 2008; Lukman, 1994), que nos possibilitaram refletir mais a respeito desta abordagem.

Busca-se neste trabalho, analisar a percepção que as alunas quilombolas têm de si próprias no ambiente de ensino aprendizagem. Refletimos também, se a referida escola contribui ou não para a reprodução do preconceito e da discriminação, pois acreditamos que a escola, certamente, é um lugar próprio para o encontro das diferenças, portanto, deve ser também um lugar pronto para as acolher.

Este trabalho está dividida em três capítulos nos quais fica evidenciada a situação da construção da identidade das alunas negras do campo da pesquisa. O primeiro capítulo aborda as mudanças nos conceitos de identidade. Parte de uma posição simpática à afirmação de que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas. Faz-se ainda, uma reflexão a partir de estudos bibliográficos referentes ao preconceito no ambiente escolar observando-se a necessidade de implementação de mudanças. O segundo capítulo contempla os métodos utilizados para atingir os objetivos do trabalho, assim como apresenta o campo de pesquisa e informações sobre a seleção dos sujeitos, alvo da pesquisa. Contempla ainda a forma de análise e apresentação dos dados coletados. No terceiro capítulo realizamos a análise dos dados colhidos na forma de questionário e observação direta que visou situar, entre outros, o pertencimento étnico-racial contribuindo de maneira sucinta na compreensão da temática que é complexa e polêmica no campo educacional e social. Por fim são apresentadas as considerações finais nas quais são apontados pontos conclusivos seguidos da estimulação à continuidade dos estudos e reflexões contra o preconceito e a discriminação racial.

## **1. REPENSANDO OS TERMOS IDENTIDADE E PRECONCEITO**

### **1.1.CONSTRUINDO O CONCEITO DE IDENTIDADE**

Vive-se a ideia de que “todos são iguais”, mas a prática contradiz essa assertiva. Não só pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1948, mas também, pela positivação do Princípio da Igualdade na Carta Maior de 1988, acreditava-se na possibilidade de isonomia para todos, logo que é a Constituição Federal a base de todo o ordenamento jurídico brasileiro. Mas o que é notório é a insistência do Estado brasileiro em manter padrões estruturais de desigualdade racial e social.

O negro na atual sociedade brasileira se encontra: nos territórios conhecidos como antigos Quilombos, Mocambos e terra de pretos que hoje são nomeadas Comunidades Negras Rurais. É importante também ressaltar que os negros são também encontrados em favelas, nas periferias de todos os estados brasileiros, socialmente invisíveis e desclassificados por suas posições sociais e pela cor, resultado de uma história construída sob os determinantes da escravidão que contribuíram para um direcionamento de desenvolvimento específico dessa população, feito por meio de uma herança de formas de vida daqueles que viveram os fatos da época. Devemos levar em conta que tal desigualdade não é exclusiva com relação aos afrodescendentes: outros grupos étnicos, raciais ou religiosos padecem com essa estrutura excludente no Brasil e no mundo.

No Brasil, é notório observar que o indivíduo absorve, para os outros, conceitos que foram impregnados em sua memória e acabam por alijar a identidade de uma determinada etnia.

Como toda identidade, a identidade negra é uma construção pessoal e social e é elaborada individual e socialmente de forma diversa. No caso brasileiro, essa tarefa torna-se ainda mais complexa, pois se realiza na articulação entre classe, gênero e raça no contexto da ambiguidade do racismo brasileiro e da crescente desigualdade social. A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a

um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

A identidade étnica de um grupo é a base para a sua forma de organização, de sua relação com os demais grupos e de sua ação política. A maneira pela qual os grupos sociais definem a própria identidade é resultado de uma confluência de fatores, escolhidos por eles mesmos. Ao tratarmos da construção da identidade negra nos remetemos à sua condição no espaço escolar, que diariamente enfrenta situações conflituosas que muitas vezes ferem e constroem a sua imagem. De modo geral, os negros sempre foram vistos como inferiores e, em consequência disto, foi permitido o atraso para que os mesmos conquistassem os direitos enquanto cidadãos e até mesmo como pessoas.

Quando se fala de identidade, a primeira coisa que nos vem à memória é o documento de identidade mesmo, o chamado RG ou CI (Registro Geral e Carteira de Identidade respectivamente) acrescido do conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa (nome, idade, sexo, estado civil, filiação etc.). Mas o conceito de identidade vai muito além dessas informações. A noção de identidade é antiga e seu pouco uso, até as últimas décadas, ocorreu, principalmente, nos campos da Filosofia e da Psicologia. É comum, em nosso cotidiano, a seguinte pergunta: quem é você? Tal questionamento invariavelmente remete à identidade.

Para Stuart Hall (1997), uma das principais referências na discussão das identidades tem a ver com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo em que nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. Ainda de acordo com Hall (1998), o processo de construção da identidade ocorre no âmbito individual e coletivo. Individualmente, a pessoa vai se desenvolvendo como unicidade, marcando cada momento de sua jornada particular. Como ser social, passando por diferentes grupos (família, escola, amigos, trabalho e outros contextos), faz trocas de aprendizagens,

identificando-se com umas, rejeitando outras e, a partir destas identificações, desenvolve sentimentos de pertencimento ou não pertencimento a esses grupos e vão possibilitando uma autonomia que permite que as pessoas possam optar por algumas identidades, passando a ser incluídas em alguns grupos e serem excluídas de outros constituindo uma identidade social.

O autor enfatiza a dinamicidade da identidade, formada e transformada continuamente pelas representações nos sistemas culturais que nos rodeiam. Isto significa que necessitamos entender que a identidade vai se construindo e reconstruindo de acordo com as épocas históricas vividas por cada um de nós, a partir das influências culturais que trocamos por onde passamos. E pondera que

[...] a pessoa/sujeito assume identidades diferentes e essas identidades não são unificadas ao redor de um eu coerente e sim de contradições que fazem parte de nossas experiências diárias, nos levando a várias direções e, por isso mesmo, nossas identificações são constantemente deslocadas. E a identidade unificada que acreditamos ter desde o nascimento até a morte é a construção de uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu (HALL, 1998, p.12).

O conceito de “identidade” que Hall (*idem*) desenvolve, não é um conceito essencialista, mas estratégico e posicional isto é, não é uma concepção do eu imutável. Assim como o eu não permanece sempre “o mesmo”, idêntico a si próprio ao longo do tempo, no que diz respeito à questão da identidade cultural, o eu coletivo não é sempre uma unidade estável, imutável: as identidades não são nunca unificadas, estão sujeitas a uma historicização radical, sempre em processo de mudança e transformação. Ele examina de uma forma um pouco mais profunda como o conceito de identidade mudou, segundo ele, do conceito ligado ao sujeito do Iluminismo para o conceito sociológico e, depois, para o do sujeito “pós-moderno”.

Hall (2003) vincula as discussões sobre identidade a todos aqueles processos e práticas que têm perturbado o caráter relativamente “estabelecido” de muitas populações e culturas, ou seja, ele se refere aos processos de globalização bem como aos processos de migração forçada “ou livre” que têm se tornado um fenômeno global do assim chamado pós-colonial.



A identidade não se torna uma realidade estanque, mas sujeita a transformações e mudanças tanto ao nível grupal como da sociedade. As “identidades” locais são influenciadas por dinâmicas globais, provocando modificações em seu interior. Hall ainda (2006) salienta que o processo de globalização e, sobretudo, as questões relativas ao consumismo, seja como sonho ou realidade, colocam as pessoas dos mais diferentes lugares do mundo numa situação de interação com símbolos globalmente vivenciados. De acordo com o autor, a identidade cultural não é fixa.

O processo de construção da identidade é uma metamorfose que ocorre mediante a distribuição de papéis de reconhecimento social assumido ou não por outros grupos responsáveis pela socialização do sujeito entre esses, o primeiro se inicia na família, a chamada socialização primária. Neste contexto, através das identificações, as crianças, como parte desse mundo social específico, adquirem uma autoimagem que “molderá” a sua identidade. Dessa autoimagem, poderão construir uma representação positiva de si ou uma representação negativa, surgindo, em consequência, uma autoestima fragmentada. Dessa forma, todos os indivíduos têm uma história particular, específica, e constroem sua identidade através de uma relação dialética com a sociedade. Podemos, então, considerar a identidade como um produto de escolhas pessoais, mais ou menos conscientes, porém, é igualmente um produto de imposições externas. Se, por um lado a questão da identidade fica esclarecida pelo seu carácter dinâmico e multifacetado, por outro, devemos ter atenção ao poder do preconceito em reduzi-la ou imobilizá-la.

Segundo Luckmann (1994, p.228)

[...]identidade é um fenômeno que emerge da dialética entre indivíduos e sociedade. É formada nos processos sociais e uma vez cristalizada é mantida pelas relações sociais. Os processos sociais envolvidos na formação da identidade são determinados pela estrutura social”.

Considerando que o processo de identificação jamais pode ser tomado como uma via de mão única, a difusão da ideologia e das práticas racistas gera a conformação de uma identidade de resistência, que pode ser exemplificada pelas estratégias de distinção desenvolvidas pelos afrodescendentes para fugir das posições predeterminadas para o negro pelas formas de identidade

legitimadora difundida pelas instituições e classes dominantes. De acordo com Munanga (1994, p. 177-178).

a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc.

Acreditamos ser importante registrarmos dois aspectos da escolha das teorias sobre identidade. O primeiro é que para nós, a ideia de Hall (1998) sobre identidade pessoal e social é a que melhor sumariza as nossas reflexões acerca do processo de construção de identidade. Concordamos com ele que ambas acontecem nos encontros e embates que perpassam as relações nos variados grupos dos quais as pessoas participam, o que vai marcando as semelhanças e as diferenças, que, podem caracterizar as diversas identidades nas diversas populações. O segundo refere-se ao fato que os autores citados, assim como nós, valorizam e discutem o processo de construção de identidade na inter-relação com a cultura. Concordamos com Luckmann (1994) que pensou a identidade como um elemento chave da realidade subjetiva perpassada dialeticamente pela sociedade, ou seja, tanto as identidades quanto as subjetividades se constituem nas relações humanas.

## **1.2. A IDENTIDADE ÉTNICA: PRECONCEITO E DESIGUALDADE**

Diferentemente do conceito de identidade, a literatura sobre o preconceito é bem mais restrita. Valemo-nos, portanto, das poucas conceituações encontradas.

Um dos textos, Preconceito, indivíduo e cultura de José Leon Crochik (1997, p. 9 ) inicia o prefácio ressaltando as dificuldades em se trabalhar com este conceito:

Escrever sobre o preconceito não é uma tarefa fácil, não só porque o tema é complexo, mas, principalmente, porque nos obriga a refletir sobre nós mesmos, sobre nossos sentimentos, pensamentos e atos cotidianos, uma vez que, seguindo uma das teses centrais deste texto, não somos imunes a ele. Contudo,

estamos convictos que somente quando pudermos reconhecer em nós mesmos a violência que criticamos no outro é que poderemos dar início ao entendimento do problema.

Crochik (1997) aponta que o indivíduo preconceituoso tende a desenvolver esse comportamento em relação a diversos grupos. Segundo o autor, o preconceito diz mais respeito àquele que o tem do que ao objeto da sua atitude. O preconceito é, sem dúvida, um fator que cria barreiras na vivência plena da identidade pessoal.

Segundo Queiróz (1995), o preconceito é uma manifestação irracional, que nos envolve emocionalmente, impedindo que possamos examinar a complexidade dos fatos de forma honesta e objetiva, bem como os estereótipos que são rótulos usados para qualificar, superficial e genericamente, grupos étnicos, raciais, religiosos, nacionais e até mesmo grupo de pessoas do mesmo sexo ou profissão. Constituem imagens simplificadas ou caricaturais, assimiladas pelas pessoas a partir das mais variadas fontes, mas raramente por meio de uma experiência direta com a realidade.

Podemos, assim, constatar como as relações entre os agentes expressam simultaneamente um conteúdo simbólico no espaço social: ser é estar em relação e possuir uma posição com um significado para o outro. É neste sentido que muitos afrodescendentes atualmente se empenham em conquistar posições sociais, ocupacionais e políticas no espaço social, que levem a uma redefinição de sua relação com os demais segmentos étnicos presentes na população brasileira.

Estamos vivendo em uma sociedade onde valores estão sendo cada vez mais questionados, há uma pluralidade de culturas e, além disso, cobra-se da escola uma formação para a cidadania, para a tolerância e para a diversidade cultural. Em contrapartida, a busca por respostas imediatas, a corrida frenética contra o tempo, a competição exacerbada e um mundo globalizado são alguns dos fatores que estão presentes no dia-a-dia de qualquer ser humano e que, por conseguinte, geram uma preocupação muito grande. À escola e aos profissionais da educação tem sido dada a tarefa de problematizar essa realidade e encontrar meios que desafiem os preconceitos, respeitem as diferenças e valorizem as diversas culturas. Porém, esta não é uma tarefa

apenas da escola. Temos presenciado, através dos noticiários, dos jornais e das novelas, uma preocupação com esses temas, principalmente em relação ao preconceito racial. Portanto, vemos que é um tema que tem incomodado bastante e que já chegou em nossas escolas. Mas será que estamos preparados? Conforme Arroyo (2007, p.84), “as tensões raciais estão chegando às escolas brasileiras. Em boa hora”. Logo, uma realidade que parecia ser apenas uma preocupação do Movimento Negro, passa a ser semeada em outros campos, como por exemplo, no pensamento educacional, nos currículos e nas políticas públicas.

Os valores sociais variam de acordo com o espaço, tempo e principalmente são modificados de geração para geração. Nesse sentido, comportamentos e visões são transformados, cristalizados e vice-versa formando um ciclo lento. Assim as ideias, opiniões, fatos e objetos não são avaliados isoladamente, mas sim dentro de um contexto social que atribui significado de valor e qualidade específica. Devido à pluralidade de valores na sociedade, é comum encontrar sujeitos que não conseguem entender de forma semelhante questões como religião, política, moral, gênero e cor. Já a estrutura social caracteriza-se pelo conjunto ordenado de partes encadeadas que formam um todo, ou seja, é a totalidade dos status existentes num determinado grupo social ou numa sociedade. Cada participante desempenha o papel correspondente à posição social que ocupa – status.

O século XX mostra um cenário regado de histórias que demonstram a luta do negro contra o preconceito racial, pelo reconhecimento de sua diversidade, pelo respeito enquanto cidadão brasileiro. Diferentes não poderiam ser os Povos Quilombolas, os quais, como afrodescendentes, remanescentes de quilombos, escravos e cidadãos constituintes do Estado Democrático, travam uma grande luta contra o preconceito, e, principalmente, idealizam o direito à diversidade, o direito à diferença individual.

A história da formação da comunidade quilombola está entrelaçada à história do Brasil, especificamente às condições de exclusão a que as populações negras foram submetidas desde o século XVI e se definiu no século XIX, quando apesar de livres da escravidão não foram incluídas na sociedade e enfrentaram muitos problemas relevantes para desenvolvimento de

estudos, já que se tratava de comunidades que viveram até pouco tempo na invisibilidade.

Brandem (2000) destaca que a autoestima pode ser avaliada por meio dos níveis: baixo, médio e alto, caracterizando a baixa autoestima pelo sentimento de incompetência, de inadequação à vida e incapacidade de superação de desafios. A literatura aponta aspectos que provocam a baixa autoestima, a exemplo da insegurança, da culpa, da carência afetiva, da frustração, do medo, da humilhação, do sentimento vago de não ser capaz de realizar nada, do perfeccionismo, da necessidade de agradar ao outro ou ainda de ser reconhecido. Já a autoestima alta expressa um sentimento de confiança, de ser capaz de realizar atividades.

O preconceito racial é um problema que fomenta a exclusão social, ocasionando divergências no âmbito educacional, o que torna importante que os profissionais da Educação discutam o que determina a Lei Federal 10.639/2003 (BRASIL, 2003), para desta forma, analisar a questão racial.

### **1.3. A ESCOLA COMO LOCAL DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA IDENTIDADE**

#### **1.3.1. REFLEXÕES SOBRE O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA**

Para Lopes (2006), a escola em nossa sociedade é a segunda instituição responsável pelas relações de sociabilidade de crianças e jovens. A primeira é a família. É a escola que vai ajudar na construção de identidades. As regras e os valores são experimentados sob a ótica do grupo. Para essa autora as experiências iniciais na escola podem definir a base de uma trajetória escolar mais tranquila ou mais atribulada. Aqueles que se sentem acolhidos, incluídos e integrados constroem uma autoestima positiva, que vai lhe possibilitar um sucesso escolar.

Essa escola deveria garantir o respeito aos talentos e aptidões individuais e o desenvolvimento máximo da capacidade de cada um, bem como a liberdade individual nas escolhas, no sentido de melhor aproveitar as potencialidades individuais, m respeito à personalidade de cada um ( LOPES, 2006 p. 14)

A escola tem o papel de formar o aluno para o exercício de cidadania, do trabalho e continuar aprendendo ao longo da vida. Esta é a orientação da Lei de Diretrizes de Bases e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino no Brasil - LEI nº 9.394/96 – (BRASIL, 1996). Ampliar a cidadania é um dos objetivos principais que devem orientar o trabalho pedagógico, e por causa disso, a escola tem que buscar o desenvolvimento de competências e habilidades que permitam compreender a sociedade em que vivemos. Mas esta sociedade deve ser entendida como uma produção dinâmica dos seres humanos, um processo permanente de construção e reconstrução. O entendimento deste desenvolvimento da cidadania também significa a capacitação para saber avaliar o sentido do mundo em que se vive, dos processos sociais e do papel de cada um nesses processos.

A escola deverá ser local de reflexão e não de omissão dos problemas sociais, fazendo um trabalho fundamentado na esperança de que é possível promover pequenas, mas preciosas modificações nas relações humanas a partir da intervenção em sala de aula. Intervenção esta, que supere os limites da instrução e se debruce sobre a educação do homem em sua totalidade sem desconsiderar a esfera da subjetividade. Remetemo-nos aqui à frase de Einstein quando afirmava que o “homem da ciência descobre os fatos da natureza, mas o homem de consciência realiza valores dentro de si mesmo”.

A educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-la para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são com suas características próprias e individualizadas; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania.

O processo de construção da identidade social é profundamente marcado pela cultura escolar, por este motivo, muitos estudiosos vêm se debruçando sobre este assunto no intuito de compreender como a escola se constitui num espaço importante na construção do complexo processo de humanização.

Muitas vezes a escola tem o poder de valorizar, segregar, discriminar e até eliminar a identidade negra de sala de aula. Ela deve empreender a busca da compreensão da realidade e a efetiva participação do indivíduo a partir de dados e de noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazer com que a escola passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e de reconhecimento, onde, nos intermédios das diversas disciplinas e de sua nova abordagem, o aluno seja capaz de ver-se e vislumbrar-se como construtor de sua própria história.

Constitui um dos direitos essenciais da criança e do adolescente negro (a) na escola que os profissionais que atuam efetivamente em sua formação estejam preparados para lidar com os conceitos e conteúdos necessários aos conhecimentos históricos e culturais do povo negro, sendo assim, toda a sociedade foi convocada para participar de debates que buscam o reconhecimento do negro como sujeito de direito, destruindo a imagem negativa que alimentou e alimenta as desigualdades de oportunidades existentes. Para o negro a ida a escola pode significar um choque inter-étnico, pois muitas vezes é na escola que se têm o primeiro contato com pessoas de outras etnias e classes sociais.

Atualmente, o grande desafio dos profissionais da Educação perpassa pela aquisição de práticas educacionais que possibilitem um conhecimento com fundamentações teóricas capazes de proporcionar ao educador uma percepção do meio e dos sistemas sociais, políticos e econômicos possibilitando uma reflexão mais ampla sobre o verdadeiro exercício de cidadania, permitindo a interação de todos os envolvidos no contexto escolar para a desconstrução do racismo, preconceito e discriminação.

### **1.3.2. A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR**

Várias pesquisas sobre a identidade (Lopes 2001; Santos 2005; Cavalleiro 2005) têm comprovado a existência de discriminação racial no espaço escolar e isso tem comprometido a construção da identidade do negro.

Para Cavalleiro (2005), o racismo está presente no ambiente escolar, nas atitudes e no comportamento das pessoas, impondo valores

preconceituosos e discriminatórios. Para o autor, esta realidade promove aos alunos exclusão e/ou sentimento de interiorização racial.

Neste contexto, é extremamente difícil e até doloroso, assumir uma identidade racial em nosso país, principalmente, a negra, já que a sociedade e, conseqüentemente, a educação, muitas vezes, não traz o negro como algo admirável e como um referencial positivo.

A escola tem perpetuado desigualdades de tratamento e minado efetivas oportunidades igualitárias a todos. Sabemos não ser tarefa apenas da educação a transformação da sociedade, mas esperamos que ela acompanhe as transformações sociais e as mudanças históricas.

As discriminações no interior da escola contrapõem a comum afirmação de que a escola é o lugar da igualdade. A escola, ao mesmo tempo em que é vista como uma via de acesso à cidadania, à capacidade crítica, ao mercado de trabalho, também é considerada como um mecanismo de exclusão social.

A escola, como parte integrante dessa sociedade que se sabe preconceituosa e discriminadora, mas que reconhece que é hora de mudar, está comprometida com essa necessidade de mudança e precisa ser um espaço de aprendizagem onde as transformações devem começar a ocorrer de modo planejado e realizado coletivamente por todos os envolvidos, de modo consciente.

Em vista disso, reconhecemos que o sanar do problema não recai somente sobre o docente, mas também sobre o Governo (Federal, Estadual e Municipal) em institucionalizar de fato uma educação antirracista. Hoje temos a Lei Federal 10.639/03 que não está sendo implantada na escola pesquisada e devemos lutar para reverter essas realidades.

Leis sozinhas não bastam, nessa luta, o papel do docente é fundamental. O professor deve possuir informação, formação, discernimento e sensibilidade sobre a situação da realidade social e racial do país, para contribuir para a superação do preconceito e discriminação (PCNs, 1997). A sensibilidade que os PCNs (1997) mencionam é a mesma que Freire (1987, p. 69) incita as pessoas a desenvolverem, “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.



No Brasil, quando discutimos a respeito dos afrodescendentes vemos que diversas opiniões e posturas racistas têm como base a aparência física para determiná-los como “bons” ou “ruins”, “competentes” ou “incompetentes”, “irracionais” ou “emotivos”. Isso de fato é lamentável, mas infelizmente existe! Quem já não ouviu na sua experiência de vida frases, piadinhas, apelidos voltados para as pessoas negras, que associam a sua aparência física, ou seja, cor da pele, tipo de cabelo, tipo de corpo, a um lugar de inferioridade?

As relações sociais desiguais foram constituídas ao longo da história da sociedade brasileira e a população negra sempre ocupou lugares vulneráveis no âmbito social, político, econômico e cultural. Problemas como preconceito, racismo e injustiças sociais em relação à população negra em nosso país vêm de longa data. Amplamente disseminados, os pensamentos preconcebidos em relação a pessoas e culturas causam imensos danos sociais; uma postura crítica, entretanto, ajuda a aguçar nossa inteligência, rever opiniões e afastar o medo daquilo que incomoda apenas porque é diferente de nós. O comportamento discriminatório se manifesta, sobretudo em situações cotidianas. Os estereótipos, entretanto, não dificultam a vida apenas dos grupos estigmatizados. A associação entre grupos de pessoas e características negativas é estabelecida numa esfera sobre a qual não temos controle.

Segundo Santos (2003), o “ser negro” é visto, historicamente como um fenômeno negativo porque a cor naturaliza a inferioridade do sujeito nos aspectos intelectual, emocional e social. Muitas vezes esses olhares chocam-se com a sua própria visão e experiência da negritude. Estamos no complexo campo das identidades e das alteridades, das semelhanças e diferenças e, sobretudo, diante das diversas maneiras como estas são tratadas pela sociedade.

Esses temas têm pertinência relevante, pois se trata de elementos que devem compor a temática da situação dos povos quilombolas, considerados diferentes, porém atores de direitos e que devem ser respeitados por sua diversidade cultural, o aparato para o qual se destinam os ideais democráticos.

## 2. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual localizada na cidade de Alagoa Grande, Paraíba, Brasil. A escola teve seu funcionamento autorizado através de Decreto do Conselho Estadual de Educação, nº 88/86 do dia 03 de abril de 1986. A escola é atendida pela 3ª Gerência Regional de Ensino com sede em Campina grande-PB. Possui no seu quadro funcional quinze professores, dois funcionários técnicos administrativos, oito funcionários de apoio e um corpo discente formado por duzentos e cinquenta alunos distribuídos em seis turmas nos turnos matutino e vespertino. A escola é composta por uma clientela de alunos (as) ainda jovens que buscam uma profissionalização para ingressarem no mercado de trabalho. Com o objetivo de formar professores na modalidade normal, a escola além de atender a demanda de alunos das zonas urbana e rural do município de Alagoa Grande, recebe também, alunos (as) dos municípios vizinhos com destaque para o município de Alagoinha-PB. A escolha da escola se deu a partir da interligação de vários fatores: o vínculo empregatício, a afetividade e a diversidade étnica.

A coleta de dados ocorreu no período de agosto de 2013 a março de 2014, tendo como público alvo alunas selecionadas nas turmas do primeiro, segundo, terceiro e quarto anos e, residentes na Caiana dos Crioulos, comunidade quilombola localizada na zona rural do município de Alagoa Grande, no estado da Paraíba, Brasil.

A comunidade Caiana dos Crioulos é localizada numa região de altos e baixos em um trecho de serra que faz parte do antigo "Sertão do Paó", assim identificada pelo seu clima quente. A Caiana dos Crioulos fica localizada na parte mais baixa da depressão onde ao seu redor estão localizadas as casas de famílias de cor clara, considerados brancos (FREIRE, 1996).

O acesso à comunidade ocorre através de uma estrada não pavimentada, que já foi muito melhorada e, mesmo assim, no período das chuvas, o acesso é extremamente difícil tornando-se possível, quase que exclusivamente, com carros de forte tração.

Existe na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos cerca de 120 famílias que vivem da agricultura de subsistência, (plantação de mandioca,

inhame, batata-doce, entre outros), criação de animais de pequeno porte, plantação de frutas além da prestação de serviço no setor público municipal. Mais de 90% de seus habitantes tem ancestralidade africana, por isso em maio de 2005, a comunidade foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como sendo um dos treze legítimos quilombos brasileiros (BRASIL, 2012).

Um dos aspectos mais proeminentes ao conhecer Caiana dos Crioulos é a relação que seus componentes construíram com o passado. Apesar da modernidade e do acesso às escolas da cidade, os afrodescendentes não perderam suas características particulares e sua rusticidade, ainda cozinham em fogão a lenha (caipira), entoam cantigas de roda, dançam a ciranda, tem suas manifestações religiosas como: as festas Juninas, as rezas da Ladainha em devoção a cada santo escolhido pela família; as novenas dos meses de Maio (Sagrado Coração de Maria), Junho (Sagrado Coração de Jesus), Semana Santa entre outras expressões de tradição e de cultura de seus ancestrais, que permanecem sendo praticadas tais como a do uso de medicações naturais e fitoterápicas.

Para esta pesquisa foram utilizadas duas formas de investigação. Inicialmente, para fazer a introdução e a sensibilização do tema em questão, foi realizada, durante as aulas de geografia, uma oficina, trazendo para a sala de aula a música “Respeite meus cabelos” do cantor e compositor paraibano Chico César. Esta foi escolhida por corresponder aos objetivos propostos no trabalho e cujo preconceito racial encontra-se subliminarmente colocado.

Em seguida, houve a aplicação de um questionário estruturado com questões objetivas e discursivas (Ver Apêndice A), aplicado no espaço físico da escola, com a finalidade de balizar o processo de desconstrução do preconceito racial e analisar a percepção e a autoestima que as alunas quilombolas têm de si próprias no ambiente de ensino aprendizagem. Durante cinco meses foi realizada uma “observação direta” na escola, visando realizar um acompanhamento diário do trabalho escolar, bem como acompanhar e entender o livre comportamento de alunas quilombolas nesse ambiente, especialmente durante o desenvolvimento de atividades realizadas na escola tendo como foco a diversidade cultural. Isso culminou com a escolha de dez

alunas afrodescendentes, residentes na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos.

Estas foram selecionadas para pesquisa por apresentarem um comportamento de isolamento mais explícito durante o período que permaneciam no ambiente escolar. Segundo Ludke (1986, p.25), a observação direta apresenta-se como um mecanismo que possibilita maior aproximação com a perspectiva dos alunos já que “na medida que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem a realidade que os cerca”.

Os dados obtidos durante a observação foram registrados e serviram para contemplar as descrições das situações ocorridas na presença dos agentes escolares, focalizando especialmente as falas, comportamentos e relações sociais na escola, tendo como foco as questões raciais. Os dados obtidos com os questionários foram analisados de duas maneiras: as questões objetivas foram analisadas quantitativamente utilizando planilhas em Excel, sendo os resultados expressos em porcentagem ou frequência de ocorrência; nas questões discursivas as respostas foram analisadas e apresentadas na íntegra, preservando apenas a identidade dos sujeitos envolvidos, conforme institui o Código de Ética para trabalho com seres humanos.

### 3. O TRATO COM A DIFERENÇA NA ESCOLA

Dez jovens alunas quilombolas participam desta pesquisa, todas estudaram sempre em escola pública e a maioria estuda na escola campo da pesquisa, há mais de 3 anos. O corpus trazido para essa análise se constrói pelas respostas das alunas na aplicação dos questionários que obedecendo aos cuidados éticos da pesquisa, os nomes das participantes não serão divulgados.

Em relação a faixa etária das alunas investigadas, observa-se que a maioria são adolescentes com faixa etária entre 15 e 20 anos (Figura 1) e todas elas, quando questionadas sobre sua cor/raça, foram unânimes em afirmar que são negras (Figura 2). Tal fato deixa claro a condição de aceitação e pertencimento dessas alunas à sua condição racial, estando essa afirmação mais claramente exposta nas falas apresentadas abaixo, onde a cor e a cultura foram frequentemente citadas com muito orgulho pelas alunas investigadas:

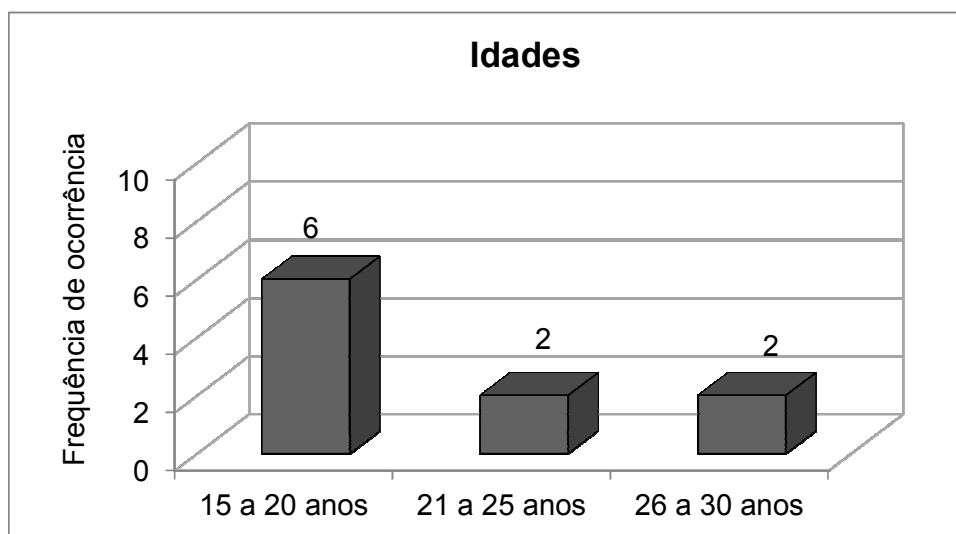
Me considero negra porque essa é minha cor e minha raça (Aluna A, 4ºano)

Me considero negra porque tenho cor negra, sangue de descendente negro e espírito negro, tenho história (Aluna A, 1ºano)

Me considero negra porque essa é minha cor, não se muda e nem quero mudar (Aluna B, 1ºano)

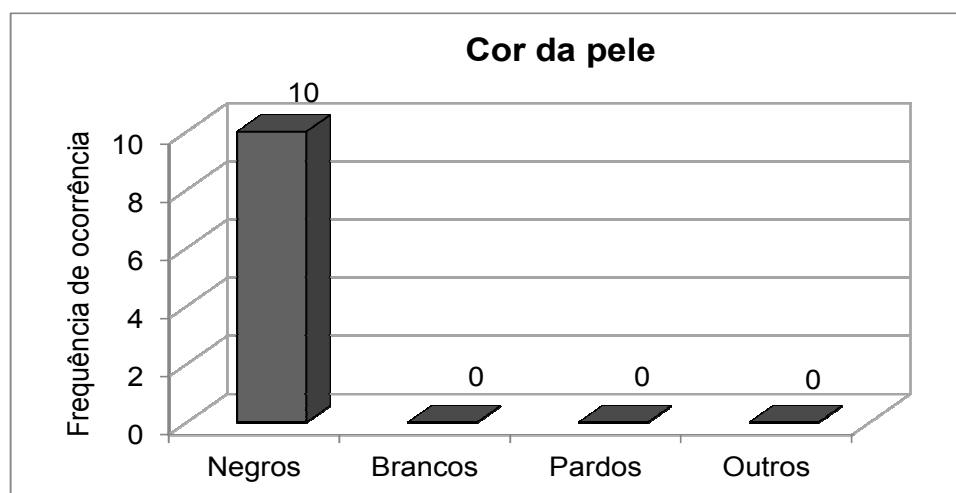
Cumpramos ressaltar que a atividade de identificação do pertencimento racial por parte das alunas, se mostrou como um processo tranquilo, diferentemente dos resultados encontrados por Soares (2010), ao estudar as relações raciais de alunos negros em duas escolas de ensino fundamental situadas na região metropolitana do município de Belém, estado do Pará. No referido trabalho, a maioria dos alunos investigados se auto classificaram “pardos”, mesmo apresentando claramente características negras. Para o referido autor, os impasses de alguns segmentos raciais no processo de autotransclassificação racial decorrem da realidade de que a cor continua sendo sutil, ostensiva e negativamente demarcadora na hierarquia social, não sendo aceita por muitos indivíduos.

Figura 1 - Avaliação sobre a idade das alunas investigadas



Fonte: Dados coletados *in loco* pela autora (2014)

Figura 2 - Avaliação sobre a cor da pele de alunas investigadas



Fonte: Dados coletados *in loco* pela autora (2014)

Para avaliar a percepção que as alunas quilombolas têm de si próprias no ambiente de ensino-aprendizagem foi questionado se as mesmas já sofreram algum tipo de exclusão social na escola e como elas se veem no ambiente escolar. Os resultados mostraram que, nove das dez alunas investigadas afirmaram já ter sofrido algum tipo de exclusão na escola (Figura

3) e por isso se sentem diferente dos demais colegas. Essas afirmações podem ser observadas nas frases apresentadas abaixo:

Me sinto uma pessoa diferente das outras pessoas, como se tivesse um problema e por causa disso não pudesse interagir com os demais(Aluna B, 4ºano)

Sinto que as vezes sou excluída por causa da minha cor, não posso fazer o que as pessoas brancas fazem (Aluna A, 3ºano)

Agora eu me sinto normal, antes me sentia diferente, todos olhavam com olhar de discriminação, como se eu tivesse uma doença contagiosa(Aluna C, 1ºano)

Muitas vezes me sinto excluída pois sou diferente da maioria(Aluna D, 1ºano)

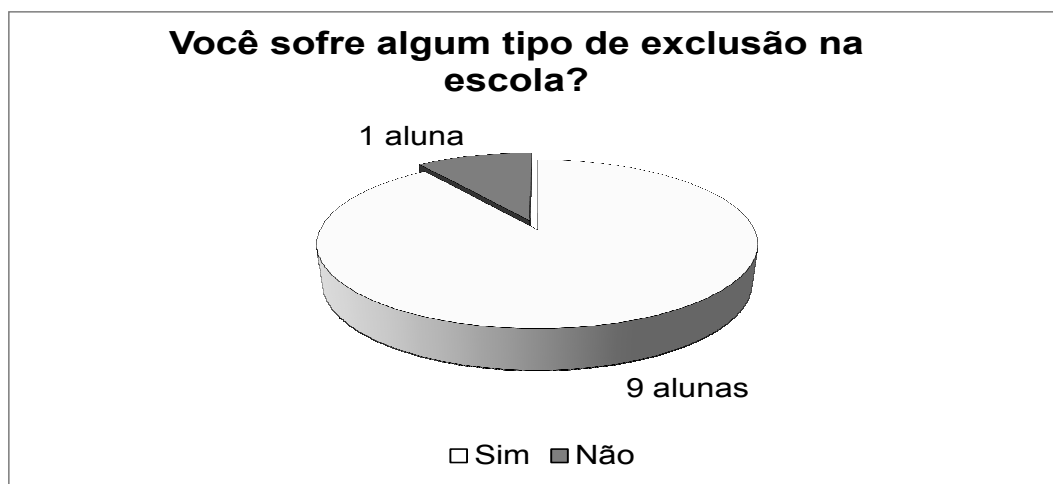
Na minha escola, as vezes me sinto inferior aos outros pela aprendizagem e pelo jeito que olham pra mim(Aluna A, 2ºano)

Observa-se que as alunas assumem uma atitude de inferioridade no ambiente escolar o que é bastante preocupante já que o olhar diferente torna esses indivíduos constrangidos e humilhados, prejudicando a autoestima da comunidade afrodescendente. Segundo Cavalleiro (2000), a existência do racismo no cotidiano escolar produz como consequência nos alunos negros: auto rejeição, timidez, pouca participação em sala de aula, dificuldades no processo de aprendizagem, falta de estímulo para frequentar as aulas, o que termina por acarretar evasão escolar.

As discriminações no interior da escola se contrapõem à comum afirmação de que a escola é o lugar da igualdade e de diversas maneiras esse ambiente que deveria ser visto como um lugar de acesso à cidadania, à capacidade crítica, ao mercado de trabalho, infelizmente também é considerado como um mecanismo de exclusão social (RAMOS, 2008). Tanto no interior da sala de aula como nos outros ambientes escolares, os alunos negros assumem, muitas vezes, uma atitude de inferioridade; são considerados os alunos mais “problemáticos” da escola, os mais agressivos, aqueles que apresentam os problemas familiares mais graves. Esses rótulos estabelecidos aos alunos negros são naturalizados como fato comum e essa naturalização da inferiorização do negro está institucionalizada e as pessoas reproduzem tais

práticas sem mesmo refletir acerca das ideologias que alimentam a perpetuação dessas visões distorcidas sobre o negro (RAMOS, 2011).

Figura 3 - Avaliação sobre condição de exclusão das alunas investigadas



Fonte: Dados coletados *in loco* pela autora (2014)

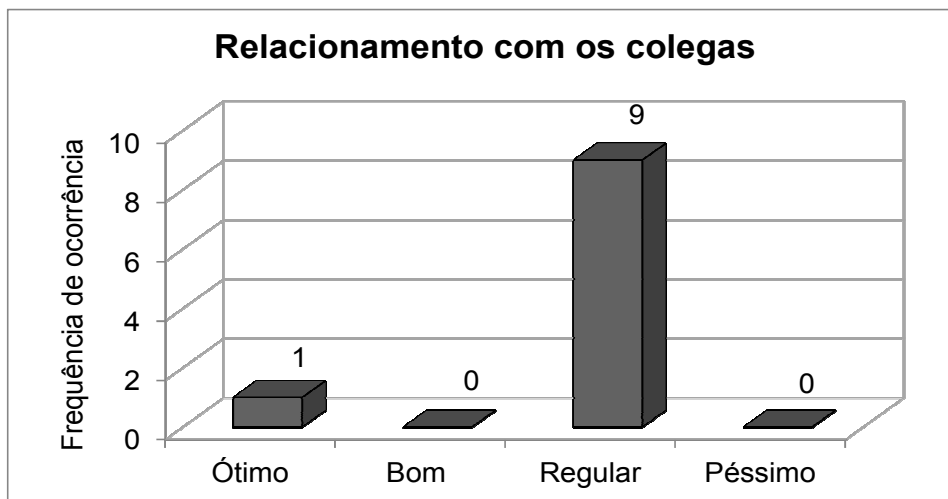
Em seus vários aspectos, a escola tem sido um meio de reprodução de preconceito e racismo tanto por parte dos colegas como também de professores. Pensando nisso foi questionado sobre a forma de relacionamento que essas alunas quilombolas tem com seus colegas e se elas consideram seus professores racistas. Os resultados mostraram que a grande maioria considera o relacionamento com os colegas regular (Figura 4) e justificaram expressando as seguintes frases:

Agente enfrenta muitas dificuldades com os colegas, embora na minha casa também sentia um certo olhar diferenciado. Eles nos olham como se agente não soubesse de nada. Como se a gente tem uma doença contagiosa (Aluna A do 1º ano)

Agente não tem coragem para apresentar seminários, e outros trabalhos, pois os colegas brancos não nos incluem nas atividades. Até para os eventos da escola, somos os últimos porque não há muito diálogo entre nosso grupo e o deles (Aluna B do 1º ano).



Figura 4 - Avaliação sobre como as alunas consideram seu relacionamento com os demais colegas



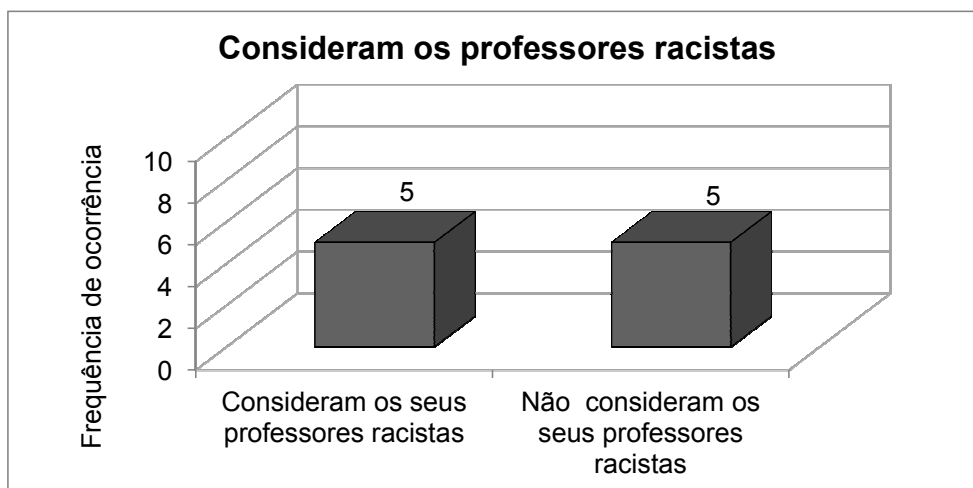
Fonte: Dados coletados *in loco* pela autora (2014)

É visível o conflito de relações que se estabelecem na escola, entre os diferentes grupos raciais. Cavalleiro (2000), ao analisar as relações interpessoais estabelecidas entre os atores sociais de três escolas localizadas no município de São Paulo, com foco no pertencimento racial, identificou que, apesar do discurso do tratamento igualitário ressaltado pela escola, o pertencimento racial orienta a qualidade das relações pessoais estabelecidas. Para o autor, o racismo é o ingrediente básico das dinâmicas e relações interpessoais entre os profissionais da educação e os atores em estudo e a operação dele no cotidiano escolar permite uma nítida separação dos alunos em sala de aula de acordo com pertencimento racial.

Em relação aos professores (Figura 5), metade das alunas investigadas consideram os professores racistas, sendo este um fato preocupante visto que os professores devem, obrigatoriamente, adotar em suas salas uma postura antirracista e estar de olhos e ouvidos abertos e atentos às práticas, às expressões e às manifestações culturais da comunidade e que chegam à

escola por intermédio dos (as) alunos (as). Eles (as) devem aceita-los, não ignorá-los ou rejeita-los, mas valorizá-los e incorporá-los ao currículo da escola, de modo que os alunos (as) e a comunidade sejam acolhidos (as) na e pela escola, independentemente de sua cor e cultura. À escola e aos profissionais da educação tem sido dada a tarefa de problematizar essa realidade e encontrar meios que desafiem os preconceitos, respeitem as diferenças e valorizem as diversas culturas (MELLO, 2009).

Figura 5 - Avaliação sobre como as alunas consideram seu relacionamento com os professores.



Fonte: Dados coletados *in loco* pela autora (2014)

A escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor, anulando e marginalizando as diferenças nos processos por meio dos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica em saber expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica em representar o mundo, a partir de nossas origens, valores, sentimentos (MANTOAN, 2006). A escola deve sim, desenvolver projetos interdisciplinares adotando temas como “racismo”. Não se deve esquecer que é dever do Estado garantir, por meio da educação, direitos iguais para o pleno desenvolvimento de todas as pessoas, oferecendo garantias de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, bem como da valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro. Pensando nisso, Gomes (2007) salienta que

A construção de uma educação antirracista e que respeite a diversidade, baseada na Lei 10.639/03, depara-se com alguns desafios. Dentre eles destacamos: o incremento dos intercâmbios intelectuais Brasil/África; a superação dos guetos acadêmicos que dominam o financiamento internacional dos projetos voltados para a temática racial e africana no Brasil; a superação da lógica conteudista no processo de formação de professores(as); a ausência da Lei 10.639/03 nas orientações do Programa Nacional do Livro Didático, a necessidade de maior sistematização e divulgação do pensamento negro brasileiro nos meios acadêmicos e para os profissionais da educação básica; a socialização dos saberes produzidos pela comunidade negra na formação inicial e continuada de professores(as); o diálogo com as questões trazidas pelo Movimento Negro, a articulação entre o conteúdo da lei 10.639/03 e a educação da juventude negra; a inclusão da discussão, estudo e trato ético das religiões de matriz africana na formação de professores(as) da educação básica e na prática das escolas e a implementação concreta nas escolas particulares.

A Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) visa o reconhecimento por iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos e valorização da diversidade através da mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modos de tratar as pessoas negras, respeitando-as em todos os aspectos, tantos físicos, quanto religiosos, evitando apelidos, brincadeiras, piadas em busca do conhecimento da sua história e, com isso, desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira.

Neste sentido, temos como principal resultado deste trabalho, que as alunas negras da escola campo da pesquisa não têm sua identidade racial promovida, ou seja, há, indubitavelmente, uma ausência da construção da identidade racial negra no contexto escolar (social) caracterizada pelas rupturas nos discursos da modernidade que não se cumpriu tais como: justiça, igualdade, felicidade e tolerância que ainda permanecem como objetivos e fins o que comprova, a grande contribuição de Stuart Hall (2002), quando afirma que parte da concepção universalista de sujeito, passa pela visão coletivista e chega à perda de sentido, à ausência, ao vácuo que parece envolver o sujeito contemporâneo caracterizado pela desarticulação, fragmentação, instabilidade e perplexidade.

Para este autor, nas duas primeiras fases da modernidade havia uma identidade definida para os sujeitos que estavam enraizados no mundo social e

cultural, porém a partir das mudanças estruturais promovidas pelo processo de globalização econômica e cultural a possibilidade de se construir uma identidade fixa, sólida, perdeu-se. Esse é justamente o pressuposto de “A identidade cultural na pós-modernidade” – as identidades modernas estão sendo descentradas; os conceitos de raça, nação, gênero... então em constante confronto Em suas palavras Hall (2002, p.46) afirma “[...] o "sujeito" do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno”.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a sociedade brasileira vive sob o mito da chamada “democracia racial” onde não existem preconceitos e há direitos iguais para todos. Porém, observando mais apuradamente a nossa sociedade, podemos perceber que a realidade dos fatos é bem diferente: os preconceitos são muitos e acontecem de forma camuflada, dificultando, muitas vezes, a sua percepção.

Concluir este trabalho não se constitui em tarefa fácil. Foi um momento importante de descobertas, aprendizagens e de dúvidas que ainda permanecem e instigam a continuar o caminho. Estas considerações são provisórias, as quais certamente serão aprimoradas ao longo do tempo, pois continuar-se-á a investigar comportamentos dos sujeitos quilombolas, invisíveis socialmente. É preciso fazer investigação, juízos e legislação, pois, somente quando eliminarmos o racismo, todos os cidadãos poderão participar completamente da vida cotidiana da política, dos meios, das universidades, das escolas e das empresas. Isso é um processo longo e difícil, mas é a alternativa para construirmos uma sociedade democrática. As atitudes racistas e discriminatórias apresentam-se como extremamente degradantes e, ao mesmo tempo, reveladoras de que existe um mundo de valores no qual o “negro” é visto como inferior.

Mediante os resultados da pesquisa de campo realizada no espaço físico da escola, analisamos que um século após a abolição da escravatura não foi suficiente para que as comunidades brancas se redimissem com os negros e afrodescendentes, pois, encontramos em nossa sociedade atual, as mesmas deficiências, em escala menor, mas ainda presentes.

O afrodescendente não se mostra como realmente é, na sua construção ele é mostrado na sua aparência construída pelo outro no nosso entender, silenciar a história de determinado grupo social é reforçar o racismo, é silenciar os saberes históricos; é condená-los ao holocausto cultural.

Compreendemos que a escola é o único local onde a maior parte das pessoas frequentam em algum momento na vida, seja por um período longo ou breve. Baseando-se nesta premissa, temos a escola como um espaço privilegiado para a formação das pessoas e, conseqüentemente, para a

transmissão de preconceitos ou para a construção de uma sociedade igualitária. A finalidade da escola é a educação das pessoas, sejam elas crianças, adolescentes, jovens ou adultos. No que diz respeito ao dever do Estado, este deve ser inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, conforme nos afirma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96.

Reconhecemos que é um desafio ultrapassar, as mudanças culturais e sociais, porém, esta realidade precisa ser mudada já que a raça é humana e que somos todos iguais, e por isso que as políticas devem buscar a inclusão, oferecendo melhores oportunidades aos pobres, sejam eles negros, brancos, índios ou asiáticos. Imaginar que o fato de alguém ter a cor da pele neste ou naquele tom, faz dessa pessoa alguém melhor ou pior é tão preconceituoso para brancos quanto para negros. Tais fatores interferem nas relações estabelecidas entre os sujeitos e na maneira como esses veem a si mesmos e ao outro no cotidiano da escola.

O indivíduo conquista aspectos identitários conforme escolhas e relacionamentos sociais temporários, pois a construção da identidade é permanente. Na verdade, o isolamento deve-se a própria procura em se afirmar sócio culturalmente, porém, não um isolamento pragmático, mas impulsionado pela vontade oposta em não integrá-los à sociedade. Acreditamos na possibilidade de transformação desta realidade, a partir dos espaços alcançados pela população negra através da educação, do processo de humanização das pessoas e do orgulho de sua identidade e pertencimento desses sujeitos para que se efetive o processo de inclusão social com políticas públicas e gestões escolares voltadas para este fim.

Acreditamos que o desenvolvimento desta pesquisa foi importante para salientar que a identidade não é fixa e que o mesmo grupo identitário pode estar inserido em vários outros grupos, através de diferentes redes sociais. Talvez isso esteja mais nítido hoje devido à variedade de redes sociais existentes. Quanto ao discurso identitário, talvez um único grupo possua várias identidades. Uma delas seria a forma que as pessoas veem o grupo, outra como o próprio grupo se vê. Conclui-se, portanto, que toda mudança implica uma escolha entre uma trajetória a seguir e outras a deixar para trás.

## 5. REFERÊNCIAS

ARROYO, M.G. A pedagogia multirracial popular e o sistema escolar. In: GOMES, N.L. (Org.). **Um olhar além das fronteiras-educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BRASIL INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Ministério do Desenvolvimento Agrário. 2012. Disponível em: <[www.incra.gov.br](http://www.incra.gov.br)>. Acesso em: 26 de abril de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, INEP. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: 2004.

CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CAVALLEIRO, E.S. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil**. São Paulo: Contexto, 2005. 110 p.

FREIRE, J. A. **Alagoa Grande: aspectos econômicos e fatos outros da sua história**. João Pessoa: Ideia, 1996.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 28.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GOMES, N. L. Escola e diversidade étnico-cultural: um diálogo possível. In: DAYREL, J. (Org.) **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

HAAL, S. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, TOMAZ T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, TOMAZ T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. São Paulo: Editora Vozes, 2003a.

\_\_\_\_\_. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003b.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 10.ed. RJ: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv(org). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**/ Nilma Lino Gomes. 2. Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

MANTOAN, M.T.E. O direito de ser, sendo diferente na escola. 2006. Disponível em: <<http://saci.org.br/index.php?modulo=akemi&parametro=17820>>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

MELLO, M.T.S.S. **A pesquisa-ação no cotidiano de práticas pedagógicas: experiências multiculturais e possibilidades institucionais** 2009. 119p. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MOREIRA, A. P. C. **Território quilombola: cultura e resistência em Alagoa Grande – PB**. (Monografia de Graduação); UFPB, João Pessoa – PB, Dezembro, 2006.

MUNANGA, K. Origem e Histórico do Quilombo na África. **Revista USP**, n.28, p.56-63, Dezembro/Fevereiro 1995-1996.

ORLANDI, EniPulcinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas: editora da Unicamp, 1992.

PARAÍBA. Secretaria Estadual de Educação. **Coletânea de Textos Didáticos para o Curso de Especialização em Fundamentos da educação: Práticas pedagógicas Interdisciplinares**. Universidade Estadual da Paraíba - UEPB: 2013.

QUEIRÓZ, R. S. **Não vi e não gostei: o fenômeno do preconceito**. São Paulo: Moderna, 1995.

RAMOS, A.O., FELIX, I.F.S.N., NASCIMENTO, R.B., MORAES, J.O. Racismo na escola: uma realidade nos dias de hoje. In: IV Encontro Estadual de História - ANPUH-BA, História: Sujeitos, Saberes E Práticas, 2008, Vitória da Conquista. **Anais...** Vitória da Conquista, 2008. p. 2-8.

RAMOS, A.O., SANTANA, M., SANTANA, J.V.J. Relações Étnico-Raciais no ambiente escolar: reflexões a partir de uma escola pública no município de




Itapetinga/BA. **Educação, Gestão e Sociedade: Revista da Faculdade Eça de Queiros**, n. 2, p. 1-32, 2011.

SANTOS, R. E; LOBATO, F. **Ações afirmativas**: políticas públicas contra as desigualdades raciais. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

SOARES, N.J.B. **Relações sociais na escola: representações de alunos negros sobre as relações que estabelecem no espaço escolar**. 2010. 181p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação), Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

## APÊNDICE A

	<p><b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA</b></p> <p><b>CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA</b></p> <p><b>EDUCAÇÃO: PRATICAS PEDAGÓGICAS</b></p> <p><b>INTERDISCIPLINARES</b></p>
---	--

Esta pesquisa faz parte de um trabalho de conclusão de especialização em Fundamentos da Educação e tem como objetivo analisar a percepção e a autoestima que as alunas quilombolas da Escola Normal Estadual Osvaldo Trigueiro de Mello têm de si próprias no ambiente de ensino aprendizagem, bem como refletir se a referida escola contribui ou não para a reprodução do preconceito e da discriminação. Solicitamos que você responda a todas as questões que serão de grande valia para o estudo.

### QUESTIONÁRIO

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) F ( ) M

Local onde mora:

---

Série: \_\_\_\_\_

Novato na Série: ( ) Sim ( ) Não

1. Que categoria do IBGE você escolheria para se identificar?

( ) Negro ( ) Branco ( ) Moreno ( ) Pardo

2. Você se considera negro? ( ) Sim ( ) Não

Justifique sua resposta:

---



---

---

---

3. Essa mesma categoria serve para identificar a sua família?

( ) Sim ( ) Não

Em caso afirmativo, explique como você se sentiu.

---

---

---

---

---

4. Como é o seu relacionamento com os colegas?

( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Péssimo

Por que?

---

---

---

---

---

5. Você considera seus professores racistas? ( ) Sim ( ) Não

Por que?

---

---

---

---

---

Muito obrigada pela colaboração!

